

Diversão & Arte

Um

Divulgação



Amarela, de André Hayato Saito, aparece na lista de pré-selecionados em Melhor curta-metragem

» MARIANA REGINATO

O agente secreto, longa de Kleber Mendonça Filho, tomou os holofotes, na última semana, com a aparição em duas categorias na lista de pré-selecionados ao Oscar: Melhor elenco, categoria inédita que premia diretor de elenco, e Melhor filme internacional. Porém, mais três filmes nacionais apareceram na shortlist em três diferentes categorias: Melhor documentário, Melhor documentário em curta-metragem e Melhor curta-metragem.

Um deles é *Apocalipse nos trópicos*, da cineasta Petra Costa. A diretora está aparecendo na lista de pré-seleção em Melhor documentário pela segunda vez, a primeira foi em 2020 com o longa *Democracia em vertigem*. No documentário selecionado para o Oscar de 2026, a cineasta analisa as relações entre política e religião no Brasil, fazendo um paralelo de como o movimento evangélico teve impacto na ascensão de Jair Bolsonaro. O documentário está disponível na Netflix.

Também em uma das categorias de documentário, mas em curta-metragem, a produção brasileira e indígena *Yanuni* está presente na lista. O filme acompanha Juma Xipaia, cacica da aldeia Kaarimãe, na Terra Indígena Xipaya, no município de Altamira (PA). Ao lado do marido, Hugo Loss, agente ambiental e coordenador de operações de fiscalização do Ibama, o casal luta contra o avanço da mineração e do garimpo em terras indígenas.

Dirigido por Richard Ladkani e com produção de Leonardo DiCaprio, Juma Xipaia afirma que quando recebeu a proposta, enxergou uma oportunidade de amplificar vozes e fortalecer a luta em defesa da floresta. "Desde o início, quis que o filme fosse mais do que um documentário, mas que gerasse conexão e ajudasse as pessoas a entender por que arriscamos nossas vidas por algo que vai além de nós. *Yanuni* é um chamado à ação, e cada retorno reforça a esperança de que

Oscar

PARA A PREMIAÇÃO DE 2026, O BRASIL MARCOU PRESENÇA NA LISTA PRÉ-SELECIONADOS COM QUATRO FILMES NACIONAIS, O QUE TURBINA O AUDIOVISUAL NACIONAL COM MUITA VISIBILIDADE LÁ FORA



Vitrine Filmes / Divulgação

Filme O Agente Secreto.

essa voz chegue cada vez mais longe", afirma Juma ao *Correio*.

Juma protagonizou e produziu *Yanuni*, sem deixar de lado seus trabalhos como mãe, esposa, cacica e gestora pública. Para ela, a voz e a perspectiva dos povos indígenas estão presentes no projeto pela liderança indígena nas equipes responsáveis pelo filme. "Eu sabia que estava ali como uma ferramenta do meu povo. Para contar nossas histórias de forma verdadeira, precisamos ser nós mesmos falando de nossos territórios e desafios. O filme reflete exatamente isso: a potência da criatividade indígena e a realidade de quem vive e resiste na floresta", ressalta.

Aparecer na lista de pré-selecionados ao Oscar é muito gratificante para Juma. "Mostra que a nossa história está criando uma conexão real com o mundo e que a mensagem do filme está chegando longe. Cada reconhecimento me confirma que estamos sendo ouvidos e vistos, algo que sempre foi a minha maior preocupação. *Yanuni* é um chamado para entender que não existe nós e eles, mas todos nós", complementa.

O diretor nipo-brasileiro André Hayato Saito compõe a shortlist do Oscar em Melhor curta-metragem com *Amarela*. Na trama, a adolescente Erika Oguihara rejeita as tradições da família japonesa. Em 1998, na final da Copa do Mundo entre Brasil e França, Erika vivencia uma violência que passa despercebida pelos seus amigos e precisa enfrentar

para



Divulgação

Petra Costa aparece na shortlist com Apocalipse nos trópicos

mais uma vez o sentimento de não pertencimento.

Segundo André, o projeto nasceu de uma inquietação íntima. "Cresci como um garoto nipo-brasileiro em São Paulo, num país que muitas vezes nos enxerga como estrangeiros, mesmo quando essa é a nossa única casa", afirma. Explorar a final da Copa do Mundo veio da necessidade de olhar um episódio muito brasileiro. "A partir dele, revelar uma experiência silenciosa, mas profundamente marcante: o

chamar



Divulgação

Juma Xipaia no documentário Yanuni

impacto do racismo na formação da identidade de uma adolescente", destaca o diretor.

Ter uma história nipo-brasileira na shortlist é um marco muito simbólico para o diretor. "O Brasil é um país profundamente diverso, mas nem sempre essa diversidade chega aos espaços de maior visibilidade internacional. Uma história asiático-brasileira entre os pré-indicados ao Oscar amplia o imaginário sobre o que é o cinema brasileiro e sobre quem pode ocupar o centro da narrativa", ressalta.

O diretor descreve a pré-indicação como uma mistura de alegria, surpresa e responsabilidade. "Alegria por ver um filme tão pessoal alcançar esse nível de reconhecimento; surpresa porque o caminho do curta-metragem é sempre muito incerto; e responsabilidade porque percebo que *Amarela* passa a carregar algo que vai além de mim", ressalta André.

Yanuni é um chamado à ação, e cada retorno reforça a esperança de que essa voz chegue cada vez mais longe"

Juma Xipaia
protagonista e produtora do documentário *Yanuni*

de SEU

ENTREVISTA / ISABELLA FARIA, CRÍTICA CINEMATOGRAFICA E VOTANTE NO GLOBO DE OURO

O Brasil, pelo seu segundo ano consecutivo, aparece no Oscar. Como você enxerga essa crescente dos filmes nacionais na premiação?

Eu acho muito muito positiva. O Oscar é uma vitrine, querendo ou não. É onde nossos diretores e diretoras conseguem financiar suas coproduções, falar com pessoas de diversos países que topem entrar na vaquinha cinematográfica que é a coprodução. Então, apesar de muita gente dizer que a gente não precisa de validação, eu concordo. Mas, além do reconhecimento do maior prêmio cinematográfico do mundo, a gente tem a possibilidade de fazer contatos. Nós sempre falamos que networking é tudo e de fato é. *O agente secreto* é uma coprodução francesa, o Kleber trabalha dessa forma, na maioria dos seus filmes é assim. *Ainda*

estou aqui também é uma coprodução. É ali, no Oscar, nas premiações, que a gente consegue esses contatos.

O cinema nacional evoluiu ou só agora está sendo visto? O que você acha que mudou na percepção, especialmente dos norte-americanos?

Eu acho que só agora ele está sendo visto. E ainda não está sendo valorizado do jeito e do tamanho que merece. Eu acho que, por exemplo, a gente foi indicado em várias categorias, na shortlist do Oscar, o que é ótimo, mas, por exemplo, em cinematografia, está faltando, *O agente secreto*. Mas o que mudou na percepção dos norte-americanos é que a gente já apareceu, nós literalmente ganhamos um prêmio. E querendo ou não, eles são muito autocentros. Cada vez mais Hollywood se fecha até como uma

resposta política ao conservadorismo do governo americano. Então, quando um filme fura a bolha do Brasil e chega na bolha deles, eles percebem que existe cinema fora daqui e existe cinema bom.

No ano passado, o público fez um buzz nas redes sociais do Oscar com a foto de Fernanda Torres e engajou muito. O quanto isso afeta na premiação que não estava tão bem vista nos anos anteriores? Você acha que a presença do público nas redes pode mexer em algo?

Ajuda muito a premiação. Então, quando a gente se vê representado, o brasileiro é muito enérgico, carinhoso com seus atores e atrizes e é claro que a gente vai comentar, engajar e vai torcer como Copa do Mundo mesmo. Eu acho que a presença do público nas redes do

Oscar não mexe muito porque quem vota são as pessoas da indústria. Produtores, diretores, atrizes e cinegrafistas são pessoas que estão muito no mundinho deles. E se o filme agrada de algum jeito, eles vão votar por causa disso. Não acredito que as redes sociais mexam em algo, mas as premiações e revistas internacionais sabem do poder dos brasileiros e usam imagens do Wagner Moura e outros brasileiros para ganhar o engajamento. Porém, o Globo de Ouro reconheceu essa torcida, ainda mais porque a Fernanda Torres ganhou no passado e eles vão fazer um evento no Rio de Janeiro ano que vem. Não vai ser um evento de premiação, mas eles perceberam o potencial público para dar uma propaganda orgânica para eles, ainda mais que o Globo de Ouro vem de um histórico mais complicado ainda de corrupção.

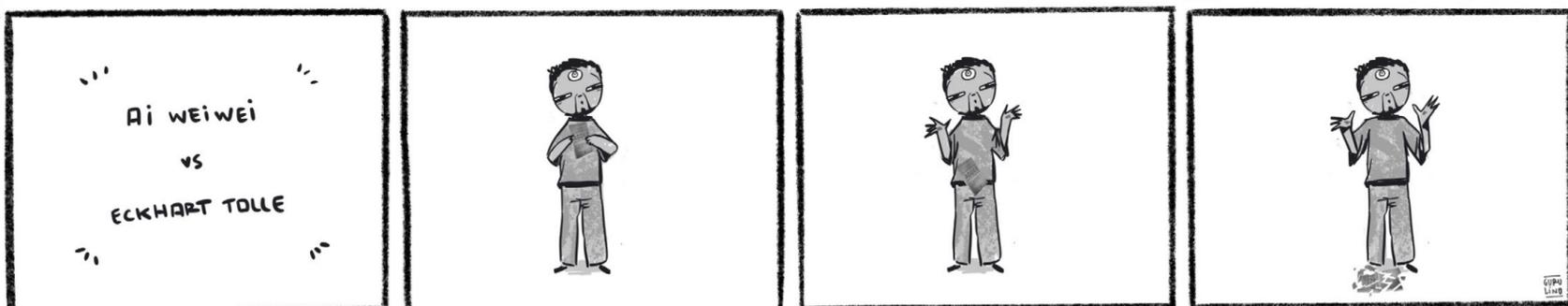
Mas, agora, ele está se reformulando e é uma premiação importantíssima.

O quanto esse reconhecimento pode auxiliar na produção e valorização do cinema nacional, dentro e fora do país?

Ajuda muito. É claro que a gente não precisa da validação dos americanos, mas, repito, é lá que a gente faz networking, é lá que a gente pega as pessoas que têm dinheiro, os europeus, o pessoal de fora, outros latinos. É ali que a gente consegue fazer coprodução. E dentro do país também, impacta muita gente o fato de o filme estar em um Oscar. Vira motivo de festa, vira motivo de união, ainda mais porque a gente precisa escolher uma outra coisa pela qual eu torcer, já que a Seleção Brasileira não está na melhor das suas formas. Então, a gente faz a nossa própria copa.

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon



@gurulino